

Modos de falar em Vida Juvenil: articulação entre imprensa, currículo e ensino secundário (1949)

Modos de Falar in Vida Juvenil: articulation among press, school curriculum and secondary education (1949)

Modos de Falar en Vida Juvenil: articulación entre prensa, currículo y enseñanza secundaria (1949)

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza¹

Victor Soares Rosa²

Resumo: Trata da análise da coluna *Modos de Falar* da revista *Vida Juvenil* (1949-1959). Analisa a materialidade, as estratégias de mobilização de seu público leitor e o caráter instrutivo de *Vida Juvenil* e coteja as orientações educativas concernentes ao ensino de língua portuguesa presentes na referida coluna à luz do currículo do ensino secundário vigente. Apresenta uma pesquisa histórico-documental, descritiva e qualitativa, cujo campo empírico de análise consiste no número um, de 1949, de *Vida Juvenil*. Os saberes circulados em *Modos de Falar* buscam orientar os jovens leitores com base na Gramática Tradicional. Tais saberes, por sua vez, mostram importante aproximação com o currículo sugerido para o ensino secundário brasileiro.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; *Vida Juvenil*; Juventude.

Abstract: This paper analyzes the column titled "Modos de Falar" ("Ways of Speaking", in a free translation), present in the magazine *Vida Juvenil* ("Juvenil Life", in a free translation, 1949-1959). This paper analyzes its material, the strategies toward its target audience and the instructive feature of *Vida Juvenil* and compares the educational orientations regarding the education of Portuguese language in the magazine according to two documents: the curriculum of the secondary education. This paper consists of a historical and documentary research, descriptive and qualitative, whose empirical field of analysis consists of the 1949 issues of *Vida Juvenil*. The knowledge presented in "Modos de Falar" seeks to guide its young readers based on Traditional Grammar. Such knowledge shows important proximity with the curriculum suggested for Brazilian secondary education.

Keywords: Portuguese language; *Vida Juvenil*; Youth.

Resumen: Este artículo analiza la columna "Modos de Falar" de la revista *Vida Juvenil* (1949-1959). Analiza la materialidad, las estrategias de movilización de sus lectores y el carácter instructivo de *Vida Juvenil* y compara las orientaciones pedagógicas relativas a la enseñanza de la lengua portuguesa presentes en esa columna a la luz del currículo vigente de la enseñanza secundaria. Presenta una investigación histórico-documental, descriptiva y cualitativa, cuyo campo empírico de análisis está constituido por los números de 1949 de *Vida Juvenil*. Los saberes circulados en "Modos de Falar" buscan orientar a los jóvenes lectores a partir de la Gramática Tradicional. Ese conocimiento, a su vez, muestra una importante aproximación con el currículo sugerido para la enseñanza secundaria de Brasil.

Palabras clave: Portugués; *Vida Juvenil*; Juventud.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introdução

Em 31 de dezembro de 1948, um excerto no jornal carioca *Correio da Manhã* noticia o lançamento de uma nova publicação: a revista *Vida Juvenil*. Após destacar o interesse do grupo editorial Sociedade Gráfica Vida Doméstica Limitada (SGVD) pela literatura infantil, o textículo comunica que “[...] acaba de aparecer e já está nas bancas, ‘Vida Juvenil’, [...] que além de divulgar histórias selecionadas em quadrinhos, traz contos ilustrados e material didático e recreativo, sob a orientação de professores experimentados [...]” (CORREIO DA MANHÃ, 31 dez. 1948, p. 15). Trata-se da terceira empreitada de uma casa editorial que publica, desde 1920, a revista *Vida Doméstica* e, desde 1947, *Vida Infantil*. Os títulos dessas publicações já dão pistas do objeto de que tratam e o público a que se destinam, a saber: a mulher, a infância e a juventude.

Vida Juvenil circula por pouco mais de dez anos, até meados de 1959. A juventude leitora que adquire a revista tem em suas mãos um periódico que dialoga, sobremaneira, com o ensino e a educação. Tal diálogo, por sua vez, pode ser localizado nas colunas que compõem tal material, entre elas uma denominada *Modos de Falar*, que trata, especificamente, da inculcação de saberes de língua portuguesa ao leitor por meio de orientações sobre as formas corretas de se falar. Nessas orientações estão presentes conteúdos escolares do domínio das disciplinas de Língua Portuguesa. Nesse sentido, este artigo trata desses conteúdos de língua portuguesa presentes na referida coluna em diálogo com o currículo do ensino secundário vigente na ocasião, naturalmente, por meio de uma pesquisa histórica.

O problema, nesse sentido, pode ser enunciado na seguinte pergunta: quais conteúdos de língua portuguesa ensinados no ensino secundário brasileiro das décadas de 1940 e 1950 são veiculados na coluna *Modos de Falar*, de *Vida Juvenil*? Os objetivos são: a) analisar a materialidade, as estratégias de mobilização de seu público leitor e o caráter instrutivo de *Vida Juvenil*; e b) cotejar as orientações educativas concernentes ao ensino de língua portuguesa presentes na referida coluna à luz do currículo do ensino secundário vigente.

Esta investigação é histórica e documental. Recorre-se à Hemeroteca Digital brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) para acessar as edições do referido periódico. Nesse acervo, os 189 números de *Vida Juvenil* estão disponibilizados para consulta. Para este estudo, consultou-se *Modos de falar* no número um. Trata-se de uma coluna recorrente na revista, presente nos 41 números iniciais. Optou-se pela consulta no primeiro número porque

os conteúdos se repetem ao longo das orientações sobre os modos corretos de se falar presentes na coluna no percurso das edições. Ainda, justifica-se por isso o uso do recorte 1949, adotado por ser o ano da edição consultada.

Além desta introdução, o artigo está dividido em mais quatro seções. Em ‘*Vida Juvenil: para os jovens do Brasil*’, a revista é apresentada tendo em vista seu contexto de produção e circulação e sua materialidade. Na seção seguinte, ‘Ensino secundário e ensino de língua portuguesa’, esses dois temas são contextualizados tencionando as décadas de 1940 e 1950. Em ‘Conteúdos escolares de língua portuguesa em *Modos de Falar*’, por fim, cumpre-se o objetivo principal do trabalho por meio da identificação e análise dos conteúdos escolares de língua portuguesa presentes na coluna. O artigo encerra com as considerações finais.

Vida Juvenil: para os jovens do Brasil

Um anúncio publicado em fins de 1948 na folha carioca *Diário de Notícias* diz “Compre hoje *Vida Juvenil*”. Segue-se ao título um pequeno texto de apresentação:

Enfim! A maravilhosa e diferente revista, um presente para a juventude, ansiosamente aguardada. Colaborações inéditas de consagrados mestres, assim como maravilhosas histórias em quadrinhos nacionais e estrangeiras criteriosamente selecionadas, incluindo um lindo castelo para armar. Preço em todo o Brasil Cr\$3,00. ‘*Vida Doméstica*’ estará à venda dia 5 de janeiro. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 31 dez. 1948, p. 5).

Presente na edição do derradeiro dia de 1948, o anúncio apresenta situações que dificultam a compreensão do contexto da publicação de *Vida Juvenil*. A primeira concerne ao erro na menção do nome da revista. Indica-se que a publicação *Vida Doméstica* será comercializada a partir do dia 5 de janeiro de 1949. Tendo em vista que a nota principia com uma qualificação da revista como “maravilhosa e diferente” e como um “presente para a juventude”, compreende-se que ocorre um erro tipográfico. A segunda situação trata da data de publicação. O anúncio do *Correio da Manhã* de 31 de dezembro de 1948, citado na introdução, indica que a revista já está nas bancas em plena véspera de ano novo. Este do *Diário de Notícias*, por sua vez, informa que as vendas iniciarão no quinto dia de janeiro.

Sublinha-se, outrossim, as estratégias adotadas pela SGVD para visibilizar a nova publicação e, sobretudo, afirmá-la como instrumento de lazer e educação para a juventude. Tais estratégias dialogam com dois universos, a saber: 1) um primeiro que evidencia o caráter lúdico da revista – tem histórias em quadrinhos, nacionais e estrangeiras; contos ilustrados;

um lindo castelo para armar; e 2) um segundo que aponta o caráter educativo – tem material didático – e a colaboração de intelectuais que experienciam a docência.

A Sociedade Gráfica Vida Doméstica Limitada é uma casa editorial situada no Rio de Janeiro. Seu fundador é o empresário Jesus Gonçalves Fidalgo que, em função de sua morte aos dois de junho de 1948, não vê o primeiro número de *Vida Juvenil* nas bancas. A bem da verdade, a presença de Fidalgo, pai da editora, na década de 1940, talvez seja mínima, embora seja possível conjecturar que ele tenha conhecimento das situações que ali transcorrem. Isso porque, nesse período, o diretor responsável pelas três publicações – *Vida Doméstica*, *Vida Infantil* e *Vida Juvenil* – é seu filho, Carlos Gonçalves Fidalgo. Conjectura-se que a editora possui certo prestígio, a julgar as palavras elogiosas destinadas à família Fidalgo e às suas publicações. Retoma-se o anúncio do *Correio da Manhã* que abre este texto:

Vida Juvenil - A Soc. Gráfica Vida Doméstica Ltda., que há 30 anos vem prestando serviços à imprensa e à família brasileira, fiel à orientação do seu saudoso fundador Jesus Gonçalves Fidalgo, vem agora se interessando pela literatura infantil. É conhecida do público a ‘Vida Infantil’ aparecida em novembro de 1947. Agora acaba de aparecer e já está nas bancas, ‘Vida Juvenil’, que tem a mesma feição da anterior [...] (CORREIO DA MANHÃ, 31 dez. 1948, p. 15).

Em anúncio em outra edição do *Correio da Manhã*, em novembro de 1947, portanto treze meses antes, para o lançamento de *Vida Infantil*, o texto indica que *Vida Infantil* estará à venda em 14 de novembro daquele ano e ressalta se tratar de uma revista “[...] Editada [...] com o mesmo escrúpulo com que é feito, há 27 anos, a revista VIDA DOMÉSTICA [...]” (CORREIO DA MANHÃ, 13 nov. 1947, p. 12). Nota-se com isso que o prestígio advém, pelo anúncio de 1947, do escrúpulo – isto é, um “[...] cuidado minucioso; meticulosidade; zelo [...]” (ESCRÚPULO..., c2023, não paginado) – e da história de 27 anos de publicação consolidada da revista *Vida Doméstica*. Pelo anúncio de 1948, por sua vez, para o lançamento da própria *Vida Juvenil*, reforça-se a ideia de uma casa editorial de tradição, que tem 30 anos de serviços prestados à imprensa e à família brasileira, não obstante a fidelidade à orientação de seu fundador. No tocante aos préstimos à família brasileira, imagina-se se tratar de uma família classe média, que pode adquirir um periódico mensal, urbana e cujos filhos, notadamente, passaram pelo ensino primário, adquiriram leitura e escrita e cursam o colegial ou ginásial.

A materialidade da revista, por sua vez, indica que a extensão dos números varia entre 36 e 80 páginas. 80 páginas é a extensão do primeiro número e 36, por seu turno, é a do

último. A diminuição do número de páginas é reflexo de uma situação comum na imprensa periódica, a qual dialoga, por um lado, com as dificuldades financeiras no que toca à produção e comercialização de um impresso tão extenso (HALLEWELL, 2012) e, por outro, com a alteração do próprio perfil do jovem público leitor, que passa a preferir obras menores de leitura mais rápida (CHARTIER, 1999).

Na capa da primeira edição, constam os dizeres “em todo o Brasil”, o que indica que a revista tem circulação no território do país, embora conjecture-se que ocorram problemas de distribuição. Naquele período, a circulação de revistas no Brasil enfrentava problemas ocasionados pela extensão do território, não obstante à situação das estradas e aos próprios interesses e condições de compra fora das grandes cidades. Por fim, uma indicação na capa do último número, em julho de 1959, propõe uma classificação indicativa. Além de não mais constar o subtítulo “para os jovens do Brasil”, que a caracterizou da edição um, de janeiro de 1949, até a 83, de 15 de setembro de 1953, aparecem os dizeres “para maiores de 14 anos”. Considera-se, desta feita, o recorte etário previsto pelos editores para seu público-leitor ideal: jovens a partir dos 14 anos.

No âmbito de suas colunas, a título de destaque, percebe-se a dupla orientação da publicação: uma para a recreação e outra para a educação. Colunas tais como *Modos de falar*, que alicerça essa análise, *A Matemática Sorri Para Você*, que ensina e esclarece conteúdos do domínio da aritmética, e *Quadros Brasileiros*, de aproximação e valorização do que é nacional, são exemplos de manifestação das finalidades de educar e instruir presentes na revista. No que tange à recreação, há diversas histórias, especialmente em quadrinhos, de aventura, ficção e heróis contadas nas páginas da revista.

O fim da impressão de *Vida Juvenil* está próximo ao encerramento das outras duas revistas da Sociedade Gráfica Vida Doméstica. *Vida Doméstica*, que iniciou em 1920, finda suas atividades em 1963. *Vida Infantil*, por sua vez, cujo princípio data de 1947, deixa de ser produzida em 1960. *Vida Juvenil*, como dito, tem seu último número, a edição 189, publicada em julho de 1959. Trata-se da primeira publicação da Sociedade Gráfica Vida Doméstica a deixar de circular.

É possível notar o enfraquecimento da editora na década de 1960. Especula-se que o falecimento de seu criador, Jesus Gonçalves Fidalgo, em 1948, tenha contribuído para tal declínio. De todo modo, as mudanças no mercado editorial não podem ser negligenciadas. *Vida Juvenil* apresentou, grosso modo, três fases, as quais buscavam se acomodar ao que o mercado sinalizava. Essas diferentes fases podem ser verificadas pelas mudanças nas seções e

nos colaboradores. Inicialmente, o hibridismo entre divertir, educar e instruir era característico da revista; após, a diversão ganha mais espaço, fazendo com que seções de cunho educativo e/ou instrutivo se tornem menos frequentes, até a completa modificação da composição, cuja ênfase ficou no caráter divertido, em especial por meio de histórias em quadrinhos e palavras-cruzadas, assemelhando-se a outras revistas contemporâneas a ela, como *Suplemento Juvenil* e *O Globo Juvenil*, que importavam e apresentavam ao público brasileiro diversas histórias em quadrinhos internacionais, principalmente as estadunidenses. De qualquer forma, *Vida Juvenil* tem sua publicação encerrada em 1959 e o mercado editorial para o jovem perde um periódico que, em algum momento, fora considerado como “uma boa revista para a juventude” (A NOITE, 1949, p. 8).

Ensino secundário e ensino de língua portuguesa

Historicamente, o nível secundário é destinado aos filhos das elites políticas e econômicas brasileiras (BOTO, 2019). Isso, ao menos, no Império e no início da República. Trata-se da etapa de escolarização subsequente à aquisição de leitura e de escrita. Não obstante o ensino se destinar aos filhos das elites, Boto (2019) aponta que o próprio ensino secundário é pensado para a formação de uma elite. Conforme a autora (BOTO, 2019, p. 13), trata-se de um nível que forma “[...] uma elite intelectual e acadêmica no engendramento de uma cultura geral e clássica que possibilite o acesso às profissões consideradas superiores, pelo acesso à universidade [...]” e, também, “[...] uma elite técnica de de profissionais qualificados para fazer o Brasil trilhar o caminho de seu pleno desenvolvimento [...]”. Essas, pois, compõem uma dupla entrada de entendimento do ensino secundário brasileiro.

No percurso da República, o ensino passa por diversas reformas, tais como as promovidas por Rivadávia Correia em 1911, por Rocha Vaz em 1925 e por Francisco Campos entre 1931 e 1932. A década de 1940 é também um tempo de mudanças. Em 1942, são publicadas as primeiras leis orgânicas do ensino, que consistem num conjunto de reformas educacionais elaboradas e implementadas na gestão de Gustavo Capanema à frente do Ministério da Educação. Uma delas reformou o ensino secundário. Trata-se do Decreto-lei número 4.244 de 9 de abril de 1942. A partir de sua promulgação, esse nível é dividido em dois ciclos, a saber: ginásial, com duração de quatro anos, e cursos clássico e científico, com duração de três.

No que tange à Reforma Capanema, o texto da lei indica, além da divisão entre Ginásios e Colégios, três finalidades para o novo ensino secundário, a saber: 1) “[...] Formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral dos adolescentes [...]”, 2) “[...] Acentuar a elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística [*sic*] [...]” e 3) “[...] Dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial [...]” (BRASIL, 1942, [n. p.], Artigo 1).

Tais finalidades, por sua vez, se materializariam nas duas etapas pensadas, já mencionadas. O Ginásio destina-se a “[...] dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário [...]”. Os cursos clássico e científico, por seu turno, têm como objetivo “[...] consolidar a educação ministrada no curso ginásial e bem assim desenvolvê-la e aprofundá-la [...]” (BRASIL, 1942, [n. p.], Artigos 3 e 4). A lei diferencia esses dois cursos “[...] No curso clássico, concorrerá para a formação intelectual, além [*sic*] de um maior conhecimento de filosofia, um acentuado estudo das letras antigas; na [*sic*] curso científico, essa formação será marcada por um estudo maior de ciências [...]” (BRASIL, 1942, [n. p.], Artigo 4).

Os adolescentes a quem o ensino se destina podem ser circunscritos a partir da idade. Conforme a lei (BRASIL, 1942), o ingresso na primeira série do curso ginásial deve ocorrer aos 11 anos de idade. É possível que o jovem seja matriculado com 10 anos, desde que complete a décima primeira idade até 30 de junho do ano do ingresso. No âmbito do curso colegial, por sua vez, a matrícula acontece a partir dos 14 anos ou 15 anos. (BRASIL, 1942). Nesse sentido, por essa via da idade escolar, há um recorte da juventude secundarista brasileira da década de 1940, esta é dos 10 aos 17 anos de idade, a idade prevista para um aluno que conclui o curso sem reprovações.

No âmbito específico das disciplinas escolares, sublinha-se que Português é uma matéria que compõe as quatro séries do curso ginásial e as três dos cursos clássico e científico (BRASIL, 1942). Pode-se ressaltar, dessa forma, a relevância do aprendizado da língua pátria pelos educandos desse nível nos dois ciclos previstos.

O estudo de Razzini (2000) permite augurar que, em relação ao ensino de português, a Reforma Capanema consolida três situações: 1) “[...] a ascensão definitiva do ensino de português no curso secundário, uma vez que sua abrangência e carga horária, daí em diante, só tenderiam a aumentar [...]” (RAZZINI, 2000, p. 103); 2) “[...] no programa de português do curso ginásial, um crescimento acentuado da gramática ‘expositiva’ (ou normativa) em relação à reforma anterior [...]”, a de 1925, e “[...] principalmente da morfologia e da sintaxe,

nas três séries iniciais, enquanto a fonética e algumas noções de gramática histórica foram introduzidas na 4ª série [...]” (RAZZINI, 2000, p. 104); e, por fim, 3) que “[...] a História da Literatura Nacional tornou-se efetivamente a principal atividade das aulas de Português nas últimas três séries do curso secundário [...]”, não obstante “[...] ser exigida nos exames vestibulares de todos os cursos superiores, assinalando sua ascensão na escola num momento político (Estado Novo) acentuadamente nacionalista [...]” (RAZZINI, 2000, p. 242).

Desta feita, as situações acima expostas permitem a compreensão de um contexto em que o ensino secundário é visualizado como uma etapa de formação diferenciada tendo em vista seu objetivo ser entendido no tecido social como o de formar os sujeitos que se destinarão aos cursos superiores e/ou aos trabalhos que desenvolverão a nação. Além disso, ressalta-se que a Reforma Capanema sinaliza as finalidades da educação, entre elas, formar a personalidade integral dos adolescentes e promover uma consciência patriótica, além da humanista. Tal reforma, cabe ressaltar, ocorre em um período marcado pelo regime ditatorial de Getúlio Vargas, cenário em que uma dimensão nacionalista marca o ensino e, notadamente, se materializa nas disciplinas. A cadeira de português dá maior ênfase à leitura e literatura brasileira a partir de 1942, sobretudo nos cursos clássico e científico, no entanto, os conteúdos da Gramática devem ser ensinados nas sete séries do ensino secundário.

Conteúdos escolares de língua portuguesa em *Modos de Falar*

Modos de falar é uma coluna recorrente em *Vida Juvenil*, o que demonstra sua relevância no âmbito da revista. A presença de seções de cunho instrutivo não era rara no periódico. Nesse sentido, não foge do escopo da revista investir em uma coluna direcionada ao ensino da Língua Portuguesa “correta”.

Cabe questionar: por que ensinar português aos jovens leitores da revista, se não se tratava de um periódico que circulava nas escolas? A principal hipótese consiste no esforço dos editores de produzir um material de acesso relativamente fácil a um jovem específico, a saber, que tivesse condições financeiras de consumir a revista e, ainda, que fosse escolarizado, e, assim, oferecer um material que atuasse como uma “extensão da escola” para que, mesmo em momentos de fruição, esse jovem continuasse a aprender e a “memorizar” conteúdos escolares, afinal, os jovens eram vistos como “o futuro da nação”. Nesse sentido, a ideia de jovens bem formados e instruídos era fundamental para a construção de uma boa nação, principalmente ao se considerar o período de circulação da revista. Saber português era não só

necessidade básica para o progresso do país, mas, também, forma de demonstrar apreço por ele e por sua língua oficial³. Nesse sentido, Oliveira (2022, p. 7) argumenta que

O ensino da língua é defendido como instrumento central do progresso intelectual, moral e econômico de um povo, pois, ao lado da unidade da raça e da unidade geográfica, está um dos três pilares da integração e estruturação nacional. [...] Quanto maior fosse a expressão técnica da linguagem, maior seria também a consciência nacional e o nível cultural do povo.

A professora Lúcia Alvarenga é a responsável pela coluna *Modos de Falar*. Não foi possível encontrar informações sobre essa docente além de um livro de sua autoria intitulado *Terra Querida: para o 4º grau primário*, de 1951, o que indica que se tratava de uma intelectual atuante na área da educação no período de circulação da revista. Observe-se o quadro 1.

Quadro 1: Modos de Falar no número 1, janeiro de 1949

Exemplo	Muita gente fala assim...	Quando devia falar assim...	Explicação
1	Custei muito a fazer isto.	Custou-me muito fazer isto.	Sujeito: fazer isto. Pred.: custou (3ª pessoa do singular). Obj. indireto: me (a mim). Adj. circ. de quantidade: muito.
2	A alvará do juiz não está assinada.	O alvará do juiz não está assinado.	(o alvará - masculino).
3	Precisam-se de duas criadas.	Precisa-se de duas criadas.	Suj.: indeterminado. Pred.: precisa (3ª pessoa do singular). Símbolo de sujeito indeterminado: se. Obj. indireto: de duas criadas.
4	Estou ao par dos lutulentos fatos.	Estou a par dos ltuosos fatos.	Ltuosos - tristes, melancólicos. Lutulentos - cheios de lama. Ao par. A par.
5	Não fazem dez dias que cheguei aqui no Rio.	Não faz dez dias que cheguei ao Rio.	faz (sing.) - sujeito indeterminado. ao Rio - com os verbos de

³ A esse respeito, consultar: DIAS, Luiz Francisco. Os sentidos do idioma nacional: as bases enunciativas do Nacionalismo Lingüístico no Brasil. *Revista Sínteses*, Campinas, v. 1, p. 75-85, 2018.

			movimento, a preposição a.
6	Tem uma pessoa na sala que lhe está esperando desde 5 horas da tarde.	Há uma pessoa na sala, que a está esperando desde 5 horas da tarde.	Indicando existência, usa-se o verbo haver. que a está esperando - lhe serve de obj. indireto e a de direto. Nestes casos o verbo é transitivo direto.
7	Pedi a meu pai para me trazer um novo livro.	Pedi a meu pai que me trouxesse um novo livro.	pedir que (não - pedir para) - o verbo pedir é transitivo direto e não deve vir regido de preposição.
8	É hora delas saírem.	É hora de elas saírem.	Elas é sujeito de saírem. Não deve vir regido de preposição.
9	Entre eu e minha prima, há grande amizade.	Entre mim e minha prima, há grande amizade.	Os pronomes pessoais eu e tu servem de sujeito. Com preposições, usam-se as formas: mim e ti.
10	Se você ver o Júlio, diga-lhe que me venha procurar.	Se você vir o Júlio, diga-lhe que me venha procurar.	O futuro do subj. do verbo ver é vir. Diga (3a p. do sing. do Imperativo Afirmativo).

Fonte: adaptado de *Vida Juvenil*, janeiro de 1949, p. 68.

O quadro 1 sistematiza a página de *Vida Juvenil* em que *Modos de Falar* é apresentada no primeiro número. De modo geral, os exemplos são numerados e a coluna é elaborada em duas partes: uma destinada a um exemplo “muita gente fala assim”, que apresenta um desvio à norma padrão da língua portuguesa; outra “quando devia falar assim”, com o modo “correto” de falar acrescido da explicação a partir da Gramática. Tal configuração se repete nas demais colunas nos números em que aparece. A observação do quadro permite perceber o teor tradicional do ensino da língua, com o apontamento dos desvios e da norma padrão.

Nos limites desta investigação, recorre-se aos conteúdos escolares do ciclo ginásial, destinado aos jovens de 11 a 14 anos de idade. Justifica-se tal escolha haja vista que os conteúdos do segundo ciclo, notadamente dos cursos clássico e científico, discorrem com especial ênfase ao ensino de literatura. Nesse sentido, é na formação no Ginásio que os saberes da Gramática estão mais presentes. Esses conteúdos são pormenorizados no Programa de Português do curso ginásial da etapa secundária promulgado pela Portaria Ministerial número 170, de 11 de julho de 1942, conforme indicados no quadro 2.

Quadro 2: Conteúdos de Gramática do curso ginasial na Reforma de 1942

Série	Conteúdos
1a	<p>Unidade I - 1. Oração. Sujeito e predicado. Oração sem sujeito, oração sem verbo. 2. Substantivo, artigos, adjetivos, numerais. 3. Gênero e número. Ideia de concordância nominal. Exercícios para o bom emprego dos artigos e dos numerais.</p> <p>Unidade II - 1. Verbo: números, pessoas, tempos e modos. Vozes. 2. Verbos regulares e irregulares. Exercícios de conjugação, feitos por meio de frases. 3. Exercícios de concordância do verbo com o sujeito.</p> <p>Unidade III - 1. Pronomes, advérbios. 2. Coordenação. Noção de conjunção coordenativa. 3. Estudo simultâneo e moderado da análise léxica e da sintática, não indo esta além do período composto por coordenação. 4. Exercícios para o bom emprego dos pronomes, sobretudo do relativo cujo e dos demonstrativos.</p>
2a	<p>Unidade I - 1. Preposições. Exercícios de regência para aquisição do bom uso das preposições. 2. Substituição de frases por outras diversas, mas equivalentes pelo sentido. 3. Primeiras noções de subordinação. 4. Estudo de análise léxica e sintática, um tanto mais desenvolvido que na primeira série.</p> <p>Unidade II - 1. Predicado verbal, predicado nominal. O predicativo. 2. Aposição. O aposto. 3. Exercícios de conjugação dada especial ao imperativo, ao mais-que-perfeito simples do indicativo e ao futuro do subjuntivo. A forma mais-que-perfeito simples do indicativo com o valor de condicional e de imperfeito do subjuntivo. Exercícios. 4. Exercícios sobre verbos conjugados reflexamente e sobre verbos com o pronome lo ou o enclítico.</p> <p>Unidade III - 1. O vocativo. Interjeições e locuções interjetivas. 2. Formação de palavras: composição, derivação. Prefixos e sufixos: exercícios. Formação parassintética. 3. Graus de significação do substantivo, do adjetivo e do advérbio: exercícios. 4. Comparação. Exercícios práticos sobre comparação.</p>
3a	<p>Unidade I - 1. Conjunções coordenativas. Exercícios sobre conjunções coordenativas. Estudo, mais minucioso e desenvolvido, do período composto por coordenação. 2. Exercícios de análise léxica e sintática. 3. Ideia da sintaxe ideológica e afetiva: alguns exemplos expressivos.</p> <p>Unidade II - 1. Conjunções subordinativas. Exercícios sobre conjunções subordinativas. 2. Exercícios para o correto emprego do verbo "haver" e da partícula se em função passivadora, e para o bom uso do infinito pessoal e impessoal. 3. Exercícios de concordância do predicativo do sujeito e do predicativo do objeto direto.</p> <p>Unidade III - I. O período composto por subordinação. 2. Exercícios de emprego de modos e tempos na oração subordinada. 3. Exercícios de análise léxica e sintática. 4. Exercícios sobre a colocação das palavras na frase, principalmente sobre a dos pronomes átonos.</p>

4a	<p>Unidade I - 1. Vocabulário, sílaba, número de sílabas dos vocabulários, acento tônico, a situação do acento tônico. 2. Constituição das sílabas. Qualidades físicas do som. Vogais e consoantes. Ditongos. Tritongos. 3. Noção da ênclise e da próclise. Ação da ênclise e da prótese: alguns exemplos. 4. Exercícios de verificação e aplicação da matéria estudada.</p> <p>Unidade II - 1. Latim vulgar. As três declinações do latim vulgar. Sobrevivência do acusativo. O desaparecimento do neutro. As três conjugações do latim vulgar na Península Ibérica. 2. Ideia da ação da analogia, ministrada por meio de alguns exemplos expressivos. 3. Criações românicas.</p> <p>Unidade III - 1. Origem das línguas românicas. A língua portuguesa, seu domínio. Constituição do léxico português. 2. Estudo breve e elementaríssimo de fonética-histórica. Formas divergentes e convergentes. 3. O português do Brasil.</p>
----	--

Fonte: adaptado da Portaria Ministerial n. 170 de 11 de julho de 1942, citada por Razzini (2000).

É válido observar esses conteúdos, uma vez que se trata do ensino de língua portuguesa destinado aos jovens do Brasil no período de circulação de *Vida Juvenil*. A leitura do quadro 2 demonstra o amplo espaço dedicado à gramática tradicional e seu estudo como uma maneira de formar usuários ativos da língua e que falariam a língua portuguesa “correta”. Retoma-se que se trata de um período em que a formação das consciências patriótica e humanista é uma finalidade da etapa secundária. Nesse sentido, no ensino de tais conteúdos, há tanto a preocupação com a norma culta da língua pátria como com uma cultura geral que passa, fundamentalmente, pelo domínio dos modos corretos de falar português.

Assim, nas três primeiras séries do curso ginasial, com maior profundidade, verifica-se a preocupação curricular no âmbito da disciplina de língua portuguesa com temas tais como: sujeito, predicado, orações, classes gramaticais. Como se observa, a coluna *Modos de Falar* também lançava mão de diversos conceitos gramaticais, como sujeito, verbo e predicado, fazendo uso dessas nomenclaturas na aba “explicação”, o que parece dialogar com o modo de ensino da língua no período. É possível concluir, então, que a coluna atuava de maneira aproximada do ensino da língua portuguesa de veículos oficiais de educação, como, por exemplo, o programa de português estabelecido para o curso ginasial.

Considerações finais

Nos limites deste artigo, buscou-se articular imprensa, currículo e ensino secundário por meio da identificação e análise de conteúdos escolares da disciplina de Língua Portuguesa

na coluna *Modos de Falar de Vida Juvenil*. Trata-se de uma revista destinada ao jovem leitor que, a partir de suas colunas e demais seções, busca inculcar diferentes saberes nesse público. *Modos de Falar* é uma coluna incipiente na revista. Trata-se de um espaço que tem como objetivo indicar o modo correto de se falar.

Para tanto, buscou-se cotejar a coluna com os programas de língua portuguesa, de modo que fosse possível observar o modo de seu ensino em ambos os espaços, sem desconsiderar suas diferenças: um consiste em uma coluna de um periódico de circulação nacional voltado ao público jovem; o outro, no programa de ensino proposto para o curso ginásial brasileiro. De todo modo, a partir deles, foi possível observar aproximações relativas ao ensino da língua portuguesa, cuja ênfase parece se localizar na Gramática Tradicional.

Finalmente, destaca-se a relação entre imprensa e currículo, em que uma revista assume educar como um de seus objetivos e o faz por meio da inculcação de saberes através de seus textos. Compreende-se *Vida Juvenil* como uma espécie de “escola em revista”. Contudo, ao passo que não é adotada na sala de aula, configura uma forma de educação não-formal. Exercícios de pesquisa como este são importantes para o entendimento dos objetivos da imprensa, das estratégias de mobilização do leitor, dos processos educativos e das práticas de leitura dos sujeitos. No plano das histórias da educação, da juventude, da leitura e dos impressos, *Vida Juvenil* deixa sua contribuição.

Referências

A NOITE. Rio de Janeiro, ed. 13070, 4 jan. 1949.

BOTO, Carlota. Um livro das humanidades. In: CASTRO, C. A. (org.). **Ensino secundário no Brasil: perspectivas históricas**. São Luís: EdUFMA, 2019. p. 09-13.

BRASIL. **Decreto-lei n. 4.244 de 09 de abril de 1942**: lei orgânica do ensino secundário. Distrito Federal, 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 28 jul. 2023.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 16.267, 13 nov. 1947.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, ano XLVIII, n. 17.113, 31 dez. 1948.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 8038, seção 3, 31 dez. 1948.

ESCRÚPULO. [S. l.], c 2023. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis on-line da Editora Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=eEKX>. Acesso em: 12 jul. 2023.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2012.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. Entre a escola nova e a escola básica: a modernização curricular para o ensino do português no Ensino Primário Paulista (1949-1968). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 22, p. 1-26, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5761/576170157035/html/>. Acesso em: 11 mar. 2023.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. **O espelho da nação**: a antologia nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971). 2000. 442f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/199827>. Acesso em: 25 out. 2022.

VIDA JUVENIL, Rio de Janeiro, n. 1, janeiro de 1949.

VIDA JUVENIL, Rio de Janeiro, n. 189, julho de 1959.

Sobre a autora e o autor

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza: Professora dos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp/UFRJ). Estudante de Doutorado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (2021-2025).

E-mail: marianaepss@gmail.com

Victor Soares Rosa: Estudante do Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Licenciado e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) de março a agosto de 2021.

E-mail: victor.soares.rosa@gmail.com

Recebido em: 30 ago. 2023

Aprovado em: 07 mar. 2024